

## ARTIGO

# STUART HALL E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL: CULTURA, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES

## STUART HALL AND THE ETHNIC AND RACIAL QUESTIONS IN BRAZIL: CULTURE, REPRESENTATIONS AND IDENTITIES

MARIA ANGÉLICA ZUBARAN\*  
MARIA LÚCIA WORTMANN\*\*  
EDGAR ROBERTO KIRCHOF\*\*\*

### RESUMO

O presente artigo aborda algumas das principais contribuições teóricas de Stuart Hall para a historiografia sobre o negro no Brasil e está dividido em três principais seções. Na primeira, há um breve balanço do percurso intelectual de Stuart Hall, juntamente com uma explanação sobre a centralidade da cultura no seu pensamento. Em seguida, considerando que o contexto histórico é sempre fundamental para as teorizações de Stuart Hall, é apresentado o cenário em que as questões étnico-raciais passaram a adquirir relevância no contexto brasileiro. Na última seção, por fim, apresentam-se as principais contribuições de Stuart Hall para as discussões sobre relações étnico-raciais e identidades negras no Brasil, a partir de alguns conceitos teóricos discutidos em seus textos, tais como raça, racismo, identidades, diáspora e representações racializadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Stuart Hall; racismo; identidades étnico-raciais; representações racializadas, diáspora.

### ABSTRACT

In this article we present some of the main theoretical contributions of Stuart Hall for the historiography of black people in Brazil. In order to achieve its goals, the article is divided into three main sections. At first, we undertake a brief assessment of the intellectual life of Stuart Hall, along with an explanation of the centrality of culture in his work. Considering that the historical context has always played an important role in his theorization, we proceed by presenting an overview of the scenario where ethnic and racial issues began to acquire relevance in the Brazilian context. In the last section, we present the main contributions of Stuart Hall for discussions on ethnic-racial relations and black identities in Brazil, based on some theoretical concepts from his writings, such as race, racism, identity, diaspora and racialized representations.

**KEYWORDS:** Stuart Hall; racism; ethnic and racial identities; racialized representations; diaspora.

## **Stuart Hall: considerações preliminares**

Stuart Hall foi uma das figuras mais proeminentes do Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham, no Reino Unido, do qual também foi um ativo diretor entre os anos 1968 e 1979. Depois disso, passou a atuar na Open University, onde se aposentou com o título de professor emérito, em 1997. Há pouco mais de um ano, recebemos com pesar a notícia da sua morte. Ao longo de seu percurso intelectual, esse pensador ficou mundialmente conhecido não apenas devido à sua importância para a emergência e a consolidação do campo dos Estudos Culturais, mas também porque seu pensamento continua subsidiando, em diferentes países, discussões sobre gênero, raça e etnicidades, pós-colonialismo, entre vários outros temas contemporâneos, em áreas como a antropologia, a comunicação, a educação, os estudos literários, a história.

Conforme Chris Rojek,<sup>1</sup> Hall foi um intelectual engajado, e seus escritos desempenharam um importante papel no contexto da valorização da cultura popular. Sintetizador, esclarecedor, popularizador e, por vezes, provocativo, o pensamento de Hall não fornece um lugar seguro para pensar as complexas questões que afligem o mundo nos dias atuais. Ao contrário, suas ideias nos incitam a problematizá-las, focalizando as contradições e as disputas de poder presentes nas culturas fomentadas pela globalização e manifestas nas ações mais triviais de nosso cotidiano.

Para Hall,<sup>2</sup> o trabalho intelectual é sempre político, embora não se deva confundir o reconhecimento do trabalho político do intelectual com

a substituição do trabalho intelectual pela política. Esse comprometimento político foi levado tão a sério pelo autor que ele jamais chegou a escrever um livro inteiro sobre uma só temática. Em entrevista concedida a Heloisa Buarque de Holanda e Liv Sovik,<sup>3</sup> revelou que nunca escreveu livros, apenas ensaios, sempre em resposta a demandas específicas. Ao explicar o motivo dessa abordagem, afirmou que suas publicações surgem “em função de situações concretas, são sempre intervenções. Estão sempre procurando redirecionar uma dada situação. São escritos estratégicos”.<sup>4</sup> Por essa razão, a maior parte de seus textos surgiu de uma forte ligação com movimentos sociais, culturais ou artísticos que se ocupavam de temas considerados relevantes: “Só bem depois é que eles acabam sendo reeditados ou traduzidos e levados para circuitos mais amplos”.<sup>5</sup>

Vários livros que contêm ensaios, entrevistas, comentários e discussões sobre a obra de Stuart Hall podem ser encontrados em língua inglesa, tais como *Critical Dialogues in Cultural Studies*, organizado por David Morley e Kuan-Hsing Chen,<sup>6</sup> e *Without guarantees: in honor of Stuart Hall*.<sup>7</sup> Com uma proposta um pouco diferente das anteriores,<sup>8</sup> há o livro *Hall*, escrito por Chris Rojek,<sup>9</sup> para quem Hall teria realizado, em suas análises, uma “fusão narrativa sincrética” de diferentes tradições, tais como o marxismo, o gramscismo, o althusserianismo, o estruturalismo, o desconstrucionismo, o feminismo, a semiótica, o lacanismo, o fanonismo, o pós-colonialismo e o pós-modernismo, entre outras, da qual resultaram abordagens investigativas caracterizadas por um “absoluto hibridismo cultural”.

Muitos textos de Hall foram traduzidos para diferentes idiomas. Em castelhano, por exemplo, pode ser citada, entre várias outras, a

coletânea *Stuart Hall. Sin Garantias, Trayectorias y problemáticas em estúdios culturales*, organizada por Eduardo Restrepo, Cathrerine Walsh e Victor Vich,<sup>10</sup> que reúne, em cinco capítulos temáticos, a tradução de 26 textos do autor. Em língua francesa, o livro intitulado *Stuart Hall*, organizado por Mark Alizart, Eric Macé e Éric Maigret,<sup>11</sup> busca apontar algumas das direções de estudos assumidas por Hall em diferentes etapas de sua trajetória intelectual.

A importância dos estudos de Hall no cenário internacional também pode ser percebida através das inúmeras manifestações ocorridas por ocasião de sua morte, em 10 de fevereiro de 2014, quando foram publicados obituários em jornais de todo o mundo. Nesse contexto, destacam-se, como exemplo, o texto<sup>12</sup> produzido pelo estudioso britânico de mídia David Morley e por Bill Schwarz, professor de inglês da Queen Mary University of London. Além disso, outros textos de natureza e procedências diversas também foram publicados nesse período,<sup>13</sup> focalizando o legado desse autor cuja relevância e notoriedade estava consagrada já anteriormente à sua morte.

No Brasil, os artigos escritos por Stuart Hall começaram a ser traduzidos apenas no início da década de 1990, período em que Armand Mattelard e Éric Neveu<sup>14</sup> afirmam ter ocorrido uma expansão dos Estudos Culturais para além do Reino Unido, principalmente em países como os EUA, a Austrália, o Canadá, a Índia e outros. Destacam-se, no contexto brasileiro, a coletânea *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*, organizado pela pesquisadora Liv Sovik,<sup>15</sup> e *Identidade Cultural na Pós-modernidade*,<sup>16</sup> no qual Hall focaliza as diferenças quanto aos modos de conceber as identidades, ao longo do tempo, valendo-se de conceitos

teóricos como diáspora e hibridismo, além de abordar a configuração das culturas nacionais como comunidades imaginadas.<sup>17</sup>

Conforme Sebastian Vargas Álvarez,<sup>18</sup> apesar do reconhecimento da relevância da obra de Stuart Hall no campo dos Estudos Culturais, da Sociologia, da Comunicação, dos Estudos Literários e da Educação, ainda é tímida a apropriação de suas ideias no campo da História, embora haja importantes exceções, algumas das quais serão apresentadas na última seção deste artigo. Antes disso, contudo, é necessário apresentar, mesmo que brevemente, o arcabouço teórico mais amplo dentro do qual Stuart Hall situa suas discussões sobre o papel da cultura na constituição das representações racializadas e das identidades étnico-raciais.

A *cultura* é um conceito central nas teorizações de Stuart Hall, servindo não apenas como fundamento epistemológico para suas discussões teóricas, mas também como um conceito metodológico nas análises que realiza de diferentes fenômenos e artefatos culturais. Em um texto escrito originalmente na coleção publicada pela Sage/Open University, em 1997,<sup>19</sup> Hall afirmou que a cultura possui duas dimensões: uma *substantiva*, a partir da qual atua na estruturação empírica da “realidade” em que vivemos; uma *epistemológica*, a partir da qual ela exerce um importante papel na constituição e na transformação das compreensões e explicações que integram os modelos conceituais com os quais representamos o mundo. Em outros termos, para Hall,<sup>20</sup> a cultura abarca todos os fenômenos da vida social e também nossos modelos cognitivos.

Essa visão ampla da cultura acarreta simultaneamente a pluralização do conceito e a consequente ampliação daquilo que pode ser

pensado como cultural. Nessa perspectiva, qualquer instituição ou atividade social – seja ela política, econômica, religiosa, artística ou educativa –, possui uma dimensão “cultural”. Em função disso, nas reflexões propostas por Hall,<sup>21</sup> a cultura deixa de ser considerada como uma simples variável, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se e passa a ser vista como algo fundamental e constitutivo não apenas de nossas práticas, mas também dos modelos que utilizamos para conferir sentido à realidade. Tal concepção é frequentemente situada no contexto da “virada cultural”, em analogia à “virada linguística”, termo utilizado, no âmbito da filosofia, para definir a centralidade que a linguagem vinha adquirindo nas teorizações de alguns pensadores do século XX, tais como Saussure, Wittgenstein, Rorty, entre outros.

Para compreender a produtividade dessa posição teórica, é necessário aprofundar o modo específico como Hall<sup>22</sup> define o conceito *cultura* e, além disso, também é necessário entender de que maneira as práticas e os artefatos culturais podem ser analisados. Em relação à primeira questão, Stuart Hall afirma que a cultura pode ser compreendida em termos de *significados partilhados*. Em suas próprias palavras, “pertencer a uma cultura é pertencer mais ou menos ao mesmo universo conceitual e linguístico”.<sup>23</sup> Utilizando outras terminologias, Hall<sup>24</sup> também define esse universo como *mapas conceituais compartilhados* e *sistemas classificatórios* utilizados por determinados grupos sociais para conferir sentido à realidade. Nessa concepção, não existem significados culturais essenciais, fixos e imutáveis, o que, como será explanado adiante, permite que as discussões sobre representações racializadas sejam tensionadas e

analisadas a partir de suas contradições, contingências e transformações históricas.

Visto que são sempre produzidos dentro de contextos sociais específicos e marcados pelas disputas de poder inerentes aos processos históricos, os significados culturais não são evidentes e tampouco universais, pois diferentes grupos sociais produzem e reproduzem sistemas conceituais distintos. Como esclarece Hall,<sup>25</sup> na medida em que produz os sistemas classificatórios que utilizamos para conferir sentido à realidade, a cultura também nos posiciona enquanto sujeitos. É a partir dos sistemas classificatórios disponíveis nas culturas em que estamos inseridos, portanto, que definimos quem somos e quem podemos ser. Devido a esse poder para constituir os sujeitos, a produção e o consumo dos sistemas culturais são alvo constante de disputas de poder e de regulação.

No que se refere à análise dos fenômenos culturais, Stuart Hall propõe, juntamente com Paul du Gay,<sup>26</sup> um modelo analítico baseado no assim-chamado *circuito da cultura*, o qual abrange desde a *produção* até a *representação* dos significados culturais, a constituição das *identidades* a partir desses significados, o *consumo* e a *regulação* da vida cultural na modernidade. Esse modelo foi apresentado e elucidado na coleção publicada pela *Sage/Open University* (1997).<sup>27</sup> Apesar de apenas três capítulos de duas dessas obras<sup>28</sup> terem sido traduzidos para o português, tais textos têm repercutido intensamente no cenário acadêmico nacional, a partir do uso realizado por pesquisadores brasileiros de diferentes áreas do conhecimento. Através do modelo sugerido pelo circuito da cultura, Hall e du Gay aprofundam a análise dos principais elementos que estão

presentes nos processos culturais, desde a produção dos artefatos culturais até as representações que lhes são associadas, as identidades produzidas a partir de tais representações, o modo como os artefatos culturais são consumidos e, por fim, os mecanismos de poder que regulam a sua produção, distribuição e consumo.

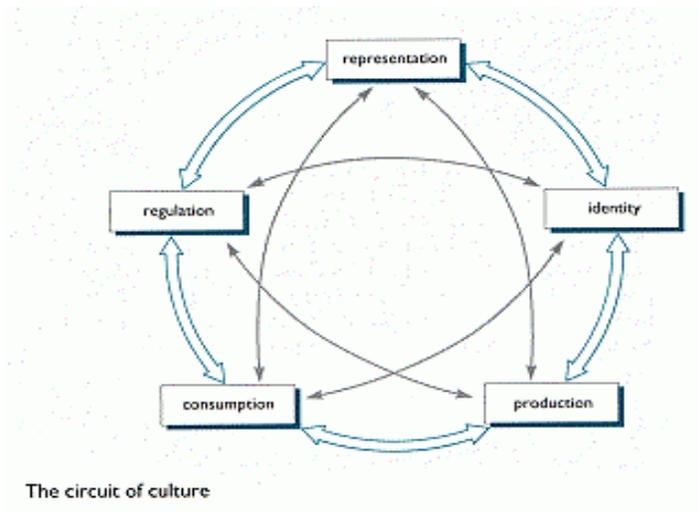


Figura 1. Diagrama representativo do Circuito da cultura<sup>29</sup>

Embora aparentemente linear, esse circuito deve ser compreendido de forma dinâmica e multilinear, pois cada um dos conceitos nele envolvidos dá conta de uma parte, fase ou momento específico dos processos da cultura, sendo que cada momento se sobrepõe e se entrelaça com os demais de modo complexo e variado em função de contextos diferenciados. Assim sendo, não importa exatamente por onde se começa a análise, visto que cada parte do circuito está ligada necessariamente às demais. Como afirma du Gay,<sup>30</sup> “tendo começado com

a representação, as representações tornam-se um elemento na próxima parte, aquela que tem como foco a construção de identidades. E assim por diante”. Dentre os conceitos envolvidos no circuito da cultura, a *representação* e a *identidade* têm sido utilizadas com frequência e de forma muito produtiva nas discussões sobre questões étnico-raciais e, por isso, serão apresentadas brevemente a seguir.

É importante salientar que Hall postula uma compreensão *construcionista* da linguagem, segundo a qual “não é o mundo material que transmite significados: é o sistema de linguagem ou qualquer sistema que nós usamos para representar nossos conceitos”.<sup>31</sup> Em outros termos, para Hall,<sup>32</sup> “as coisas não significam: nós construímos sentidos, usando sistemas representacionais – conceitos e signos”. Assim, quando o autor qualifica a representação como cultural, está se referindo a uma prática, um tipo de ‘trabalho’ que lança mão de objetos materiais e produz efeitos sobre os sujeitos. Nesse sentido, a definição de cultura que parece melhor abranger o conjunto de questões levantadas por Hall a configura como um processo em que ocorrem lutas pela imposição de certos significados, as quais se caracterizam por se processarem no âmbito da linguagem, que pode ser abordada pelas práticas de representação e de discurso. Essas lutas revelam o caráter político da representação e são travadas nas mais diversas esferas da sociedade contemporânea: na publicidade, através do rádio, da televisão, da internet, dos jornais e revistas, mas também na produção dos artefatos destinados ao mercado, que ocorre nas fábricas e nas empresas.

As representações produzidas nesses espaços compõem *universos* ou *mapas conceituais* a partir dos quais damos sentido à nossa experiência e,

portanto, nos posicionam enquanto sujeitos. Em outros termos, as representações estão na base da construção das identidades. Por outro lado, é importante salientar que Hall<sup>33</sup> não defende uma teoria ingênua do sujeito, segundo a qual a identidade seria formada exclusivamente através do apelo inescapável das representações culturais sobre os indivíduos. Antes, para Hall, construímos nossas subjetividades nas negociações que realizamos com as representações da cultura, o que significa que até mesmo as subjetividades estão sujeitas a um embate em torno do significado. Em outros termos, ao invés de ser deterministicamente manipulado e subjugado pela cultura, Hall acredita que o sujeito é sempre capaz de estabelecer negociações com as representações culturais e os discursos que o interpelam, a partir das quais constrói suas identidades. Assim sendo, na concepção de Stuart Hall, a identidade é um processo em constante progressão e transformação e, por essa razão, o sujeito não está preso a uma única identidade ao longo da vida, fixa e imutável; antes, ele transita constantemente através de múltiplas identidades, as quais são instáveis, processuais e frequentemente efêmeras. Em seus próprios termos,

Utilizo o termo 'identidade' para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.<sup>34</sup>

## As questões étnico-raciais no contexto brasileiro

Considerando que o trabalho de Stuart Hall é marcado por uma preocupação com o historicamente situado e o cronologicamente contingente, antes de discorrer sobre suas reflexões acerca de questões étnico-raciais e identidades negras, é necessário contextualizar, ainda que brevemente, o cenário em que essas ideias passaram a circular e adquirir relevância no contexto brasileiro.

A primeira década do século XXI, no Brasil, foi marcada por uma significativa mudança no debate sobre as relações étnico-raciais, assim como no encaminhamento das políticas públicas voltadas para a população afrodescendente. Conforme aponta Mário Thedoro, “na base desse conjunto de mudanças, esteve o processo de desconstrução do mito da democracia racial, formulação que imperou no país no último meio século”.<sup>35</sup> A noção de democracia racial, sistematizada por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*,<sup>36</sup> que enfatizava a ideia de que o Brasil oferecia a todos os seus cidadãos igualdade de oportunidades em todas as áreas da vida pública e um convívio harmonioso, quase que totalmente isento de preconceito racial, racismo e discriminação, exerceu grande impacto sobre o imaginário nacional referente às relações étnico-raciais. Contudo, a partir da década de 1950, pesquisadores brasileiros subvencionados pelo Projeto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), coordenados pelo sociólogo Florestan Fernandes, passaram a questionar o conceito de democracia racial e o denunciaram como um mito, revelando que sempre houve desigualdade e discriminação racial no Brasil.

As críticas ao conceito de democracia racial ganharam força nas décadas de 1960 e 1970, com o movimento dos direitos civis nos EUA e com as lutas pela independência das diversas colônias africanas, o que influenciou o grupo responsável pela fundação do Movimento Negro Unificado contra o Racismo e a Discriminação Racial (MNUDR) no Brasil, mais tarde chamado Movimento Negro Unificado (MNU). Segundo Patrícia Pinho, no contexto da “fundação do MNU, prevaleceram as ideias dos movimentos negros norte-americanos de ‘volta às raízes africanas’, além da denúncia aberta do racismo e das críticas ao conceito de democracia racial”.<sup>37</sup> Nilma Nilo Gomes afirma que a redemocratização do país, iniciada nos anos 80, possibilitou um novo perfil de intelectual negro (a), que passou a discutir as relações raciais no campo educacional, muitos deles, com trajetórias no Movimento Negro.<sup>38</sup>

Com o processo de redemocratização e abertura política no país, de um lado, e o advento dos novos movimentos sociais e suas políticas identitárias, de outro, o movimento negro brasileiro passou a construir identidades negras positivas e orgulhosas da “raça negra”. Neste contexto, vários grupos de pesquisa foram criados, assim como também surgiram diversos encontros e congressos voltados para a temática do negro. Entre as novas temáticas que começaram a ganhar espaço na pesquisa sobre relações étnico-raciais no país daquela época, destacam-se as questões da discriminação do negro nos livros didáticos; a necessidade de inserção da temática racial e da história da África nos currículos; a denúncia do silêncio como um ritual a favor da discriminação racial na escola; as lutas e as resistências negras; a escola como instituição reprodutora do racismo.

Segundo José Rivair Macedo, foi somente a partir da década de 1990, que “a ênfase deixou de ser dada à denúncia do racismo e foi direcionada para medidas efetivas de combate a este fenômeno, com uma diferença essencial: o Estado passou a ser mobilizado como ator neste processo”.<sup>39</sup> Pressionado pela Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo pela Cidadania e a Vida, realizada em Brasília em 1995, e pelas reivindicações do Movimento Negro, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu oficialmente a existência do racismo no Brasil.

Na área da educação das relações étnico-raciais, foram aprovados, pelo MEC, em 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a partir de um novo consenso no campo pedagógico em relação ao chamado “mito da democracia racial” no Brasil. Martha Abreu e Hebe Mattos afirmam que, até aquele momento, prevalecia a ideia de que o Brasil era formado originalmente por três raças – o índio, o branco e o negro –, formando uma das representações mais comuns da chamada identidade brasileira, reduzida a uma identidade mestiça, sem conflitos, hierarquias e diferenças. Com os PCN, a “pluralidade cultural” passou a ser adotada como tema transversal e abordada em todo o ensino fundamental, para o conhecimento e a valorização da diversidade cultural e das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que conviviam no território nacional.<sup>40</sup>

Nilma Nilo Gomes, em uma leitura crítica dos PCN, afirma que a questão racial se diluiu no discurso da pluralidade cultural, que não apresentava um posicionamento explícito de superação do racismo e da desigualdade racial na educação. Segundo Gomes, os PCN têm um forte apelo conteudista, que pressupõe a crença de que a inserção de “temas

sociais” transversalizando o currículo seria suficiente para introduzir pedagogicamente questões que dizem respeito às questões étnico-raciais, preconceitos, discriminação e racismo.<sup>41</sup>

No plano internacional, a *III Conferência Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Outras Formas de Intolerância*, promovida pela ONU em Durham, na África do Sul, em 2001, é considerada um marco na discussão e no encaminhamento das questões étnico-raciais dentro do contexto brasileiro. De acordo com Gomes, a conferência foi precedida, no Brasil, pelas pré-conferências estaduais e pela *Conferência Nacional contra o Racismo e a Intolerância*, em julho de 2001, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), momento em que entidades do Movimento Negro questionaram as políticas públicas de caráter universalista, trazendo para o debate a necessidade de ações afirmativas que possibilitassem o tratamento apropriadamente desigual a indivíduos em situações sociais, étnico-raciais, de gênero, geracionais, educacionais, de saúde, moradia e emprego, historicamente marcados pela exclusão, desigualdade e discriminação.

Contudo, foi somente no início do século XXI, que políticas públicas de igualdade racial foram de fato instauradas no Brasil, dentre as quais podem ser destacadas a criação da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPIR), em 2001, e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), em 2004. É neste contexto, que o então presidente Luís Inácio da Silva sancionou a Lei nº 10.639, em janeiro de 2003, alterando a Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A promulgação das leis 10.639/2003 e 1.645/2008 tornou obrigatório o estudo da História e da Cultura Africana

e Afro-Brasileira e Indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas da Educação Básica, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96. A partir dessa Lei, o Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana/2004.

Conforme Júnia Sales Pereira, o texto das Diretrizes Curriculares apresenta dimensões normativas relativamente flexíveis, sugerindo referências, conteúdos e valores para a ação docente, em consonância com o pressuposto formativo e educativo da valorização da pluralidade cultural, já presente nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, na esteira do complexo processo de democratização do país e a partir de uma consciência das desigualdades históricas perpetradas contra os afrodescendentes.<sup>42</sup>

Para as historiadoras Martha Abreu e Hebe de Mattos, as Diretrizes Curriculares trazem, para o âmbito da escola, pela primeira vez, a discussão das relações raciais no Brasil e o combate ao racismo, tantas vezes silenciado ou desqualificado pelas avaliações de que o Brasil seria uma democracia racial. De acordo com as autoras, “a partir desses documentos, não é possível pensar o Brasil sem uma discussão sobre a questão racial”.<sup>43</sup>

Nesta direção, Martha Abreu afirma que, nos últimos anos, as ações afirmativas, particularmente as Leis 10.639 e a divulgação das Diretrizes Curriculares, colocaram no centro do debate os conceitos de raça, etnia, identidade negra, história afro-brasileira e cultura negra e estão

convocando os profissionais de História a refletirem sobre esses conceitos.<sup>44</sup>

## **Stuart Hall e a Historiografia sobre o Negro no Brasil**

De acordo com Liv Sovik, “a opção de Hall pelas ‘questões de raça’ foi determinada em parte por sua condição pessoal de caribenho negro, imigrante, diaspórico, mas principalmente, pela resistência à forma em que os discursos dominantes tentaram encaixá-lo nas hierarquias sociais”. No entanto, como sugere Sovik, mesmo que o impulso teorizante seja condicionado pela sua biografia, para Hall, a teoria e as ideias são “uma resposta política a uma dada situação” e são válidas enquanto “estratégias culturais que fazem a diferença”. Assim sendo, “é nesse processo, que Hall priorizou as “questões de raça”<sup>45</sup>

Na conferência proferida no Goldsmiths College, University of London (1995), *Race, the Floating Signifier*, Hall problematiza as noções essencialistas de raça e afirma que “raça é uma construção discursiva, um conceito classificatório importante na produção da diferença, um significante flutuante, deslizante, que significa diferentes coisas em diferentes épocas e lugares”<sup>46</sup> Neste texto, Hall enfatiza que raça se assemelha mais a uma linguagem do que à biologia e argumenta que o conceito de raça ganha sentido por ser relacional e não por ser essencial, não podendo ser fixado definitivamente, uma vez que está sujeito a um processo constante de redefinição, “sinalizando coisas diferentes em diferentes culturas, formações históricas e momentos”<sup>47</sup> Neste sentido, uma contribuição importante do pensamento de Hall para o estudo das identidades negras é desnaturalizar e historicizar o conceito de raça,

entendendo-o como uma categoria produzida social e culturalmente, em momentos históricos específicos e de acordo com as lutas políticas encetadas pelos diferentes movimentos sociais. Nesta direção, Patrícia de Santana Pinho apropria-se das discussões de Hall para a análise da construção de identidades negras na Bahia, argumentando que “as noções de raça e etnia que compõem a construção das identidades negras devem ser vistas no interior de estruturas de representações perpassadas pelas relações de poder”, como algo dinâmico e alternativo à noção essencialista de raça.<sup>48</sup>

No texto *Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos Estudos Culturais*, palestra realizada no departamento de Comunicação na Universidade de Massachusetts, em Amherst, USA, (1996), Stuart Hall fez referência aos vários deslocamentos teóricos que os Estudos Culturais provocaram nos seus estudos sobre raça e racismo na Inglaterra, estimulando-o a pensar sobre o papel do discurso e das representações étnico-raciais na mídia e em suas implicações sociais. De acordo com Hall, uma das coisas que os Estudos Culturais lhe ensinaram sobre raça e racismo foi que, embora haja “mecanismos gerais comuns no mundo inteiro que se associam às práticas de racismo”, em cada sociedade, o racismo tem formas específicas, particulares e únicas. Portanto, segundo Hall, o racismo, apesar de global em suas manifestações, precisa ser visto de acordo com as especificidades históricas de cada configuração. Na Inglaterra, Hall afirma que foram as grandes migrações dos anos 1950 e 1960, do Caribe e do continente asiático, que trouxeram à tona novas maneiras de representação da experiência negra na cultura e na mídia. Hall destaca, ainda, que no Centro de Estudos Culturais, uma das questões

centrais com as quais os acadêmicos passaram a se confrontar foi como estudar “as formas diversificadas nas quais as novas manifestações de raça, etnicidade e racismo eram representadas na mídia”. Segundo Hall, nesta fase inicial, o foco dos Estudos Culturais era pensar “a natureza da estereotipia racial, a imagem negativa de raça e etnicidade na mídia, a ausência de relatos sobre a experiência negra como parte central da história inglesa e a repetição na mídia de uma forma simplificada de representar a história, a vida e a cultura negra”. Neste sentido, Hall salienta que foram as transformações dentro do campo dos Estudos Culturais que os “proveram com certos métodos de análise e estudo” para compreender a questão de raça e racismo, levando-os a focalizar “a forma como a mídia constrói e representa a raça”.<sup>49</sup>

Neste texto, Hall também destaca que era preciso estar atento “não só ao que as pessoas diziam sobre raça, mas ao que as pessoas não podiam dizer sobre raça na Inglaterra”.<sup>50</sup> Para Hall, aprender as lógicas do racismo funcionou de forma similar aos trabalhos de Freud com os sonhos, que se expressavam através dos conteúdos indizíveis e reprimidos da cultura, dos não ditos e dos silêncios. Neste sentido, Hall salienta a complexidade do racismo nas narrativas populares e afirma que, “ao contrário da evidência superficial, não há nada simples na estrutura e nas dinâmicas do racismo”, que para além dos “opostos maniqueístas, encobre complexidades de sentimentos e atitudes, que sempre se negam a ser fixados e estabilizados tão nitidamente”.<sup>51</sup> Hall cita também o trabalho do psiquiatra martiniquenho negro Frantz Fanon para destacar que “comprendemos muito pouco da dupla natureza e das profundas ambivalências” da representação racista, em que os negros são simultaneamente

representados como “leais, dependentes, infantis, tanto quanto não confiáveis, imprevisíveis, capazes de tramarem a traição logo que você vira as costas”.<sup>52</sup> De acordo com Hall, “essa dupla sintaxe do racismo”, associada a velhas imagens da mídia, continua a ser produzida no cinema e nas telas da televisão. Neste sentido, as discussões teóricas de Hall sobre racismo e representações de negros na mídia podem contribuir tanto para (re)pensar o racismo brasileiro, cuja ambiguidade e dissimulação continua a ser uma das formas de se manter e se expressar, como também para refletir sobre como os afro-brasileiros têm sido representados na cultura ao longo da história do Brasil.<sup>53</sup> Nesta direção, historiadoras como Lília Moritz Schwarcz , Hebe de Mattos, Martha Abreu, Carolina Dantas e Renata Moraes têm contribuído com suas análises sobre as representações de negros em jornais e em livros didáticos, para problematizar as representações de negros (as) em diferentes artefatos da cultura.<sup>54</sup>

Também no texto em que aborda a questão multicultural, Hall discute o racismo britânico nos anos de 1980 e qualifica as afirmações de alguns críticos que observaram um declínio do racismo biológico e um aumento do “novo racismo cultural”.<sup>55</sup> Hall considera apropriado trabalhar com “uma concepção mais ampla do racismo”, que reconheça que “em sua estrutura discursiva o racismo biológico e o racismo cultural são articulados e combinados” e que estas duas lógicas culturais estão sempre presentes, com diferentes prioridades.<sup>56</sup> Neste sentido, nas análises sobre o racismo brasileiro, que para além de suas manifestações de caráter biológico, também se apresenta discursivamente marcado pelo racismo cultural, parece oportuno considerar essa concepção ampla do racismo, conforme proposta por Hall.

Como afirma Liv Sovik, a questão do racismo e da diáspora, sobretudo a africana no Novo Mundo e em um segundo momento na Europa, passou a ser central para Stuart Hall a partir dos anos 1990.<sup>57</sup> O conceito de diáspora é o foco da discussão de Hall no ensaio *Cultural Identity and Diaspora*, traduzido e publicado no Brasil na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (Iphan), em 1996. Hall inicia seu ensaio discutindo o novo cinema do Caribe e refletindo sobre as formas de representação visual dos “negros” afro-caribenhos. Nesse contexto, Hall problematiza tanto a ideia de diáspora, como a noção de identidade. Para Hall, o que está em jogo na diáspora africana não é uma volta às origens, a uma “África” original, que “não se encontra mais lá, que já foi muito transformada”, mas o retorno “por uma outra estrada: o que a África se tornou no Novo Mundo, o que nós fizemos da África – como a recontamos através da política, da memória e do desejo”.<sup>58</sup> Neste sentido, no âmbito da história afro-brasileira, as reflexões de Hall contribuem para refletir sobre as reinvenções da África, sobre como os afro-brasileiros têm se apropriado da África, conferindo-lhe novos significados a partir do Brasil.

Neste texto, Hall argumenta, também, que não há uma “identidade transparente e sem problemas” e afirma que a identidade se constitui dentro e não fora da representação, como uma produção que nunca se completa. No caso das identidades negras diaspóricas do Caribe, Hall propõe pensá-las como atravessadas por dois eixos simultâneos: “um da similaridade e continuidade e outro da diferença e ruptura”.<sup>59</sup> Hall afirma que, “assim como há muitos pontos de similaridade, há também pontos

de diferença – o que nós nos tornamos já que a história interveio”.<sup>60</sup> O autor enfatiza a importância de pensar sobre as identidades culturais negras como históricas e em constante transformação, jamais fixas em um passado essencializado, mas “sujeitas ao contínuo jogo da história, da cultura e do poder”.<sup>61</sup> Neste contexto, a abordagem de Hall sobre as identidades contribui para que se pense sobre as identidades negras como uma construção cultural realizada a partir de processos de representação, como “algo sempre em processo”.

Outra contribuição teórica de Hall, neste texto, diz respeito ao seu entendimento da experiência negra na diáspora, que, segundo o autor, é marcada pela diversidade, pela heterogeneidade e por uma estética diaspórica cuja dinâmica é de cruzamentos, mesclas e hibridações culturais, sempre inacabadas, sempre sendo refeitas. Para Hall, as identidades negras diaspóricas “não são definidas por sua pureza ou essência, mas pela diversidade e heterogeneidade”.<sup>62</sup> Nesta direção, as historiadoras Mattos, Abreu, Dantas e Morais afirmam que, “para que se possa ir além da justaposição de referências historiográficas, a diversidade cultural brasileira e a sua propalada pluriculturalidade precisam ser pensadas levando-se em consideração os intercâmbios e as trocas culturais (e não apenas raízes e essências culturais) da própria experiência negra no país”.<sup>63</sup>

Neste sentido, as teorizações de Hall sobre a diáspora caribenha contribuem para a reflexão sobre a diáspora afro-brasileira. Afinal, os afro-brasileiros têm, em comum com os afro-caribenhos, uma longa trajetória histórica, que se estende da experiência do tráfico e da escravidão à luta pela liberdade e contra o racismo na América, além de

compartilharem uma cultura marcada por hibridismos culturais. Portanto, na direção apontada por Hall, quando falamos em identidades culturais afro-brasileiras, não podemos perder de vista os intercâmbios culturais e os processos de hibridização de ideias que se processaram e ainda se processam na diáspora africana no Atlântico Negro.

Também em seu texto *Que negro é esse na cultura negra*, Hall nos convoca a livrar-nos dos essencialismos culturais e a “dirigirmos nossa atenção criativa para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra”.<sup>64</sup> Para Hall, a perspectiva que enxerga as identidades negras como as “tradições deles versus as nossas”, mutuamente excludentes, autônomas e autossuficientes, é incapaz de compreender as formas híbridas da estética diaspórica. Hall afirma que é necessário um movimento para além dos essencialismos dentro da cultura e das identidades negras, para além da oposição entre “nós” e “eles”: “negro não é uma categoria que possua uma essência”; por isso, é necessário promover o “fim da noção ingênua de um sujeito negro essencial” e defender que não há como escapar das políticas de representação. Neste sentido, Hall sustenta novamente que as identidades culturais são construídas dentro da representação, na forma como somos representados para os outros e para nós mesmos em contextos específicos e historicamente datados.

Nessa direção, a historiadora Martha Abreu, no contexto das relações étnico-raciais no Brasil, destaca que “assumir naturalmente a existência de identidades negras é perder de vista as lutas travadas em torno da construção de identidades, quer mestiças, indígenas ou afro-brasileiras”.<sup>65</sup> Portanto, um dos ganhos fundamentais da abordagem

construcionista de Stuart Hall sobre as identidades negras diaspóricas é o questionamento dos entendimentos simplistas, universalistas, a-históricos e essencialistas de cultura e de identidades, salientando que essas categorias são construídas social e historicamente a partir de processos de representação.

Outro texto de Stuart Hall que tem sido reconhecido como fundamental para o entendimento das relações étnico-raciais e das políticas identitárias negras é *The Spectacle of the Other* (*O espetáculo do outro*), em que Hall discute as representações estereotipadas do “Outro” em diferentes momentos da história, assim como as formas de contestação às representações racializadas na contemporaneidade.<sup>66</sup> Neste ensaio, a questão crucial abordada por Hall é a representação da diferença na cultura popular e nos meios de comunicação de massa. Hall argumenta que precisamos de teorias para uma análise mais profunda da representação da “diferença”. O foco de sua análise é a prática representacional conhecida como “estereótipo”. Hall argumenta que o estereótipo é uma forma hegemônica e discursiva de poder, típica de um regime racializado de representação. Nesse texto, ele salienta novamente o poder cultural e simbólico que as representações possuem para marcar, classificar e hierarquizar o mundo em oposições binárias, separando e excluindo tudo que é diferente. Neste sentido, Hall analisa os efeitos essencializantes, reducionistas e naturalizantes das representações racializadas e contribui para desnaturalizar representações de negros (as) nos mais variados textos culturais, assim como para questionar os binarismos e as relações de poder nos mais diferentes discursos construídos ao longo da História. No final deste texto, Hall considera diferentes estratégias destinadas a contestar os

regimes racializados de representação, revertendo estereótipos, produzindo novos significados e provocando deslizamentos de sentidos, dentro de uma política de representação que, segundo o autor, é sempre “contínua e infinita”. Nesse sentido, entende-se que, também nas análises sobre estratégias antirracistas e de manifestações culturais alternativas de grupos minoritários, Hall pode contribuir para um melhor entendimento das relações raciais e das formas de protesto aos regimes racializados de representação ao longo da história afro-brasileira.

### **Palavras finais**

Ao conduzirmos este texto à sua finalização, cabe ressaltar novamente a centralidade atribuída por Hall à cultura e à linguagem para refletir sobre a produção de representações racializadas e de identidades étnico-raciais, sendo que essa abordagem também fornece fundamento para a discussão sobre várias questões igualmente importantes na contemporaneidade, tais como o colonialismo, as relações geracionais, de gênero e sexualidade, de identidades regionais, entre outras tantas. Os estudos conduzidos por Hall ao longo de sua vida ajudam a perceber que as políticas da representação e da identidade estão presentes em todos os âmbitos da cultura, tanto na sua dimensão *substantiva* (na economia e na política, por exemplo) quanto *epistemológica* (na educação, na arte, na publicidade, na historiografia, entre tantos outros).

É importante ressaltar também que essa abordagem está fundamentada no que Hall denominou de *construcionismo cultural*,<sup>67</sup> segundo o qual os significados (e, por conseguinte, as representações culturais) não são o mero reflexo de uma suposta realidade objetiva e

tampouco a manifestação de uma vontade subjetiva. Antes, eles são constantemente produzidos (construídos) através das práticas sociais, as quais são sempre historicamente situadas e atravessadas por relações de poder. É a partir dessa perspectiva, portanto, que Hall nos desafia a colocar em ação uma política cultural voltada à transformação e à subversão das representações naturalizadas que estão na base não apenas do racismo, mas também de todo e qualquer tipo de colonização.

Essa perspectiva investigativa implica, como ressaltam Restrepo, Walsh e Vich,<sup>68</sup> politizar a teoria e teorizar a política. O próprio Hall<sup>69</sup> deixou muito claro que sua intenção, como acadêmico, sempre foi de que seu trabalho intelectual marcasse uma diferença, que registrasse e compartilhasse debates, alterando disposições de interesses e forças políticas. Ou seja, ele nunca pretendeu ser um produtor de teorias entendidas como um conjunto de conhecimentos direcionados à busca da Verdade. Ao contrário, valeu-se das teorizações de seu tempo para analisar conjunturas, realizando um trabalho intelectual engajado e teoricamente informado.

Além disso, Hall também se manteve interessado no exame das ambivalências, das fissuras, propondo suas ideias de modo a transpor fronteiras, criar conexões e articulações que, por não serem necessárias ou definitivas, pudessem ser substituídas caso o momento e a circunstância assim o exigissem. Esse é um dos muitos motivos por que o pensamento de Hall pode ser qualificado como “sem garantias” ou, nas palavras de Restrepo, Walsh e Vich, “como uma forma de analisar a realidade social que está localizada fora das estabilizações derivadas dos determinismos

estabelecidos e das violências epistêmicas feitas em nome de idealizações morais ou políticas”.<sup>70</sup>

No que se refere às questões étnico-raciais no contexto brasileiro, portanto, os estudos realizados por Stuart Hall nos desafiam a explorar de um modo radicalmente contextual tais problemáticas, não apenas para que se construa uma história política do presente, tal como indicou Grossberg<sup>71</sup> ao examinar o papel dos Estudos Culturais nos dias atuais, mas também para evitar que sejam reproduzidos os mesmos universalismos e essencialismos que, demasiadas vezes, caracterizaram as práticas dominantes de produção do saber, contribuindo para a naturalização de relações de domínio, desigualdade e sofrimento as quais os Estudos Culturais – campo analítico que inegavelmente tem em Hall seu principal expoente – desejam transformar.<sup>72</sup>

## Notas

---

\* Mestre e doutora em História na State University of New York (SUNY) at Stony Brook, com Pós-Doutorado no Birkbeck College da London University, Professora do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, ULBRA/RS, Brasil. Porto Alegre, RS. E-mail: [angeliczubaran@yahoo.com.br](mailto:angeliczubaran@yahoo.com.br)

\*\* Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). (Doutorado sanduíche na Université Paris VI). Professora dos Programas de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). E-mail: [wortmann@terra.com.br](mailto:wortmann@terra.com.br)

\*\*\* Possui graduação em Letras (Português/Alemão) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1995), graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1998), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1997) e doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). Atualmente é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) e professor adjunto da Universidade Luterana do Brasil, atuando, como docente e pesquisador, no PPGEDU e no Curso de Letras. Porto Alegre, RS. E-mail: [ekirchof@hotmail.com](mailto:ekirchof@hotmail.com)

<sup>1</sup> ROJEK, C. **Stuart Hall**. Cornwallha: Polity Press/Blackwell, 2003.

<sup>2</sup> *ibid.* p. 3, apud HALL, 1992, p. 286.

---

<sup>3</sup> HOLANDA, H. B.; SOVIK, L. Entrevista com JB Stuart Hall. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <http://www.heloisabuarquede holland a.com.br/entrevista-jb-stuart-hall/>. Acesso em 01/02/2015.

<sup>4</sup> HALL, S. Raça, o significante flutuante. Liv Sovik (Trad.) em colaboração com Katia Santos. **Z Cultural**, Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Ano VIII, 2, 2015, p. 1.

<sup>5</sup> ROJEK, C. 2003, p. 3, apud HALL, 1992, p. 286.

<sup>6</sup> MORLEY, D.; CHEN, K-H. (Ed). **Stuart Hall**. Critical Dialogues in Cultural Studies. London/New York: Routledge, 1996.

<sup>7</sup> GILROY, P.; GROSSBERG, L.; McROBBIE, A. **Without Guarantees**: in honor of Stuart Hall. London/New York: Verso, 2000.

<sup>8</sup> Os livros citados nas notas 11 e 12 contêm artigos de acadêmicos com diferentes formações e nacionalidades, tais como os norte-americanos James Clifford, antropólogo, e Judith Butler, feminista e filósofa, além do crítico cultural argentino Néstor García Canclini e da indiana Gayatri Spivak, estudiosa das questões pós-colonialistas, entre muitos outros.

<sup>9</sup> ROJEK, op. cit..

<sup>10</sup> RESTREPO, E.; WALSH, C.; VICH, V. (eds). **Sin Garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Popayán/Lima/Bogotá: Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar/Instituto de Estudios Peruanos/Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

<sup>11</sup> ALIZART, M.; MACÉ, É.; MAIGRET, É. **Stuart Hall**. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

<sup>12</sup> Stuart Hall obituary. **The Guardian**. London, 10/02/2014. Uma tradução em português deste obituário foi disponibilizada por Liv Sovik. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/acontecendo/noticias-mundo/america-do-norte/norte-americanas/23264-nota-de-obito-de-stuart-hall-teorico-cultural-influente-ativista-e-fundador-da-new-left-review>. Acesso em 8/11/2015.

<sup>13</sup> Entre esses textos, cabe citar os seguintes: COSTA, M. V.; WORTMANN, M. L. C.; SILVEIRA, R. M. H. Stuart Hall: tributo a um autor que revolucionou as discussões em educação no Brasil. **Educação e Realidade**. Faculdade de Educação da UFRGS, vol. 39, nº 2. abril/junho de 2014. pp. 635-649; MATO, D. Stuart Hall from/in Latin America. **International Journal of Cultural Studies**. Sage Journals, November 2015; SOVIK, L. Stuart Hall a partir do Brasil. **XXIII Encontro Anual da Compós**. Belém: Universidade Federal do Pará, Maio de 2014; ROSA, M. Â. Stuart Hall. A memória e a herança de um dos acadêmicos do multiculturalismo. **Comunicação Pública**. vol. 9, nº.16, 2014; GUIMARÃES, L. B. Meus primeiros encontros com textos de Stuart Hall. **The Colonialist**. nº 22. April, 2014. GROSSBERG, L. Rage Against the Dying of a Light: Stuart Hall (1932-2014). University of North Carolina at Chapel Hill: The Department of Communication. 15/02/2014. Disponível em: <http://www.truth-out.org/opinion/item/21895-rage-against-the-dying-of-a-light-stuart-hall-1932-2014>.

<sup>14</sup> MATTELARD, A.; NEVEU, É. **Introdução aos Estudos Culturais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004. p. 131.

<sup>15</sup> SOVIK, L. (Org) **Da Diáspora**. Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/UNESCO no Brasil, 2003.

---

<sup>16</sup> HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>17</sup> Este texto foi publicado, originalmente, como capítulo de livro. HALL, S. The questions of cultural identity. In: HALL, S.; MCGREW, T.; HELD, D. (eds). **Modernity and Its Futures** (Understanding Modern Societies). Oxford: Polity Press/Open University, 1992.

<sup>18</sup> ÁLVAREZ, S. V. Stuart Hall y el oficio de historiador. Categorías teóricas y prácticas intelectuales. In: RESTREPO, E. (coord). **Stuart Hall: legados y estilos de trabajo intelectual**. Bogotá, Colômbia. Universidad Javeriana, 2014.

<sup>19</sup> Trata-se do texto: HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 22, nº 2, pp. 15-46, jul/dez 1997, referido neste artigo como 1997a, tradução de: HALL, S. The Centrality of Culture: Notes on the Cultural Revolutions of Our Time. In: WOODWARD, K. **Identity and difference**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997, Trad: Ricardo Uebel; Maria Isabel Bujes; Maria Costa. In: THOMPSON, K. (Ed). **Media and Cultural Regulation**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997.

<sup>20</sup> *ibid*, pp. 21-32.

<sup>21</sup> *idem*.

<sup>22</sup> *idem*.

<sup>23</sup> HALL, S. The work of representation. In: \_\_\_\_\_ (ed). **Representation**. Cultural Representations and Signifying Practices. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997, p. 22.

<sup>24</sup> *ibid.*, pp. 15-30.

<sup>25</sup> *idem*.

<sup>26</sup> *ibid.*, p.1.

<sup>27</sup> Esta coleção é integrada pelos seguintes livros: THOMPSON, K. (ed). **Media and Cultural Regulation**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997; GAY, P.; HALL, S.; JANES, L.; MCKAY, H.; NEGUS, K. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage/Open University, 1997; HALL, S. (Ed). **Representation**. Cultural Representations and Signifying Practices. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997; Du GAY (Ed). **Production of cultures/cultures of production**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997; WOODWARD, K. **Identity and difference**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997; MACKAY, H. (Ed). **Consumption and everyday life**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997.

<sup>28</sup> Os capítulos traduzidos para o português foram: HALL, S. The Centrality of Culture: Notes on the Cultural revolutions of Our Time. In: THOMPSON, K. **Media and Cultural Regulation**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997, que está publicado como HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 22, nº 2, jul/dez 1997, pp. 15-46; e WOODWARD, K. (Org). **Identity and difference**. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997, que está publicado como WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. Trad. Tomaz Tadeu Silva. In: SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. pp 7-72.

- 
- <sup>29</sup> HALL, op. cit., 1997, p. 1.
- <sup>30</sup> GAY, P. Introduction. In: GAY, P.; HALL, S.; JAMES, L.; MCKAY, H.; NEGUS, K. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkmann**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 4.
- <sup>31</sup> HALL, S. The work of representation. In: HALL, op. cit., 1997, p. 25.
- <sup>32</sup> *ibid.*, p. 50.
- <sup>33</sup> *ibid.*, p. 54.
- <sup>34</sup> HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 112.
- <sup>35</sup> THEODORO, M. Relações Raciais, Racismo e Políticas Públicas No Brasil Contemporâneo. **Revista de Estudos & Pesquisas sobre as Américas**. vol. 8, n° 1, 2014, p. 216.
- <sup>36</sup> FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.
- <sup>37</sup> PINHO, P. de S. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 88.
- <sup>38</sup> GOMES, N. N. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, N. N. (org). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. pp. 57-73.
- <sup>39</sup> MACEDO, J. R. Os educadores em face da legislação antirracista: o desafio necessário. In: JUNIOR, I. C. B.; SABALLA, V. A. **Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis em história e cultura afro-brasileira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 30.
- <sup>40</sup> ABREU, M.; MATTOS, H. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: uma conversa de historiadores”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, n° 41, jan/jun 2008, pp. 5-20.
- <sup>41</sup> GOMES, op. cit..
- <sup>42</sup> PEREIRA, J. S. Reconhecendo ou construindo uma polaridade étnico identitária? Desafios do ensino de história no imediato contexto pós-Lei n° 10.639.03. **Estudos Histórico**. Rio de Janeiro, vol. 21, n° 41, jan-jun/2008, pp. 21-43.
- <sup>43</sup> ABREU; MATTOS, op. cit., 2008, p. 308.
- <sup>44</sup> ABREU, M. Cultura política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de História. In: SOIHET, R.; BICALHO, M. F.; GOUVÊA, M. de F. (Orgs). **Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. pp. 409-432.
- <sup>45</sup> SOVIK, L. **Pensando com Stuart Hall**. 2011, p. 4. Disponível em: [http://compos.com.puc-rio.br/media/gt5\\_liv\\_sovik.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt5_liv_sovik.pdf)
- <sup>46</sup> HALL, S. Raça, O Significante Flutuante. Liv Sovik (tradução) em colaboração com Katia Santos. **Z Cultural**, Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Ano VIII, 2, 2015, p. 1.
- <sup>47</sup> *ibid.*, p. 2
- <sup>48</sup> PINHO, op. cit., 2004, p. 107.
- <sup>49</sup> HALL, S. Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos Estudos Culturais. Helen Hugues (Trad.), Yara Khoury (Revisão Técnica). **Revista Projeto História**. n. 31, 2005, p. 6.
- <sup>50</sup> *ibid.*, p. 7.
- <sup>51</sup> *ibid.*, p. 8.

---

<sup>52</sup> *ibid.*, p. 9.

<sup>53</sup> Dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), cujo foco são as representações de negros (as) na mídia: José Luís Barboza de Lima (2015), “Representações Racializadas e Pedagogias da Racialização: o que se ensina sobre negros (as) nos anúncios publicitários da revista do globo (1940- 1960)”; Ronildo Neumann Pastoriza (2015), “Representações e Práticas Pedagógicas de Professores/as de Educação Física e de Diretores/as de Escolas sobre a lei 10.639/03 e seu contexto de Implantação no Ambiente Escolar”; Viviane Schaker Militão (2013), “A inversão de representações racializadas e a construção de pedagogias antirracistas no filme Vista Minha Pele”; Lisandra Machado (2013), “Estratégias de Representação do Negro em Museus do Rio Grande do Sul: O Que se Expõe e o Que se Ensina”; Isabel Silveira dos Santos (2009), “Abram-se as cortinas: representações étnico-raciais e pedagogias do palco no teatro de Arthur Rocha”, Sônia Regina Pacheco Goldoni (2007), “Representações racializadas do “outro” Afro-Brasileiro: o que as tiras cômicas ensinam”.

<sup>54</sup> SCHWARCZ, L. K. M. **Retrato em branco e negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; MATTOS, H.; ABREU, M., DANTAS, C. V., et. al. Personagens negros e livros didáticos: reflexões sobre a ação política dos afrodescendentes e as representações da cultura brasileira. In: ROCHA, H. A. B.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. de S. (Orgs). **A História na Escola: autores, livros e leituras**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

<sup>55</sup> HALL, S. A Questão Multicultural. In: SOVIK, op. cit., 2003, pp. 51-100.

<sup>56</sup> *ibid.*, p. 72.

<sup>57</sup> SOVIK, op. cit., p. 6.

<sup>58</sup> HALL, S. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. nº 24, 1996, p. 73.

<sup>59</sup> *ibid.*, p. 38.

<sup>60</sup> *ibid.*, p. 69.

<sup>61</sup> *ibid.*, p. 70.

<sup>62</sup> *ibid.*, p. 75.

<sup>63</sup> MATTOS; ABREU; DANTAS; et. al., op. cit., 2009, p. 386.

<sup>64</sup> HALL, S. Que “Negro” é Esse na Cultura negra? In: SOVIK, op. cit., 2003, p. 347.

<sup>65</sup> ABREU, M. 2005, p. 424.

<sup>66</sup> HALL, S. The Spectacle of the Other. In: HALL, op. cit., 1997.

<sup>67</sup> HALL, S. The work of representation. In: *ibid.*, p. 25.

<sup>68</sup> RESTREPO, E.; WALSH, C.; VICH, V. (eds). **Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Popayán/Lima/Bogotá: Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar/Instituto de Estudios Peruanos/Universidad Andina Simón Bolívar, 2010. p. 10.

<sup>69</sup> HOLANDA, H. B.; SOVIK, L. Entrevista com JB Stuart Hall. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedeholland.com.br/entrevista-jb-stuart-hall/>. Consulta realizada em 01/02/2015.

<sup>70</sup> RESTREPO, et. al., op. cit., p. 9.

<sup>71</sup> GROSSBERG, L. Será que os estudos culturais têm futuros? E deverão tê-los? **Comunicação & Cultura**. nº 6. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, 2008.

<sup>72</sup> *idem*.